

BOLETIM INFORMATIVO

TREKKING NA CORDILHEIRA
HUAYHUASH





Aniversariantes

Março

- 02— Alexandre Rodrigues Werneck
- 03— Pedro Thomas Vilela Hermann
- 13— Paulo Victor Penna da Rocha
Mauro de Castro Pellegrini
Cyro Lera Perdigão
- 15— Luciano Bender da Silva
- 16— Adriano Peixoto Alves Soares
- 19— Soraia Santos da Silva
- 20— Patrícia Ferraro de Avellar Coutinho
- 23— Iracy Pires do Couto
- 28— José Carlos Loureiro Guerra Peixe
Tamio Itida
- 29— Luiz Alberto Stumpf

Abril

- 02— Leonardo Jacob Keim
- 03— Flávio Stock
- 05— Andréa Costa de Oliveira
- 06— Regina Lísia Peixoto da Costa
Fernando de Oliveira Almeida
- 07— Frederico Luiz Marmo Fadini
- 14— Endre de Gyalokay
Sérgio Wayand Rossi
Jesus Carlos Coutinho Barcia
- 19— Antônio Carlos Silva Quintella
- 20— Daniela Vogel
- 21— Solange Paiva Agostini
- 25— Marco Aurélio Costa de Oliveira

Centro Excursionista Petropolitano

Fundado em 15 de maio de 1958.

Sede:

Rua Irmãos D'Ângelo, nº 39 sobreloja 5.

Centro - Petrópolis / RJ.

CEP: 25685-330.

Funcionamento:

Sextas e Sábados das 19:00h às 21:00h.

De Utilidade Pública - Sede Própria.

Telefone: (24) 2231-9557

Site: www.petropolitano.org.br

E-mail: cep@petropolitano.org.br

comunicacao@petropolitano.org.br

Diretoria

Presidente

Lourenço Frões

Diretor de Patrimônio

Paulo Victor Penna da Rocha

Diretor Técnico

Átila Garrido

Diretor Administrativo Financeiro

Leonardo Garrido

Diretor de Comunicação

Luiz Antunes

Conselho Editorial

Letícia Fliess

Luciano Bender

Luiz Antunes

Victor Mello

Este boletim é um informativo bimestral, destinado não somente aos associados do CEP, mas a todo o excursionista brasileiro, sem fins lucrativos, assim como a entidade a qual representa. Os artigos nele contidos refletem a posição dos autores e não necessariamente da instituição. O CEP não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. O CEP não se responsabiliza por acidentes pessoais ocorridos durante as excursões. Matérias são bem-vindas, preferencialmente em arquivo, a fim de facilitar o trabalho de edição. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do Centro Excursionista Petropolitano, o mês e o autor.

Artigo Técnico

EFEITOS QUÍMICOS E FÍSICOS EM EQUIPAMENTOS

DE MONTANHISMO

Por Raul Hermann

Quem já não pegou aquela bota, pouco usada, que estava guardada no fundo do armário e quando foi usar a sola descolou? Ou quis dar um “capricho” no tênis e a entressola esfarelou? Imaginem se fosse um equipamento de segurança como uma fita, um mosquetão, uma corda de escalada, etc.

Como se deve guardar, transportar e limpar os equipamentos?

Antes de mais nada, é importante ler as instruções do fabricante, mas como saber se um produto é seguro para limpar o equipamento?

As regras básicas podem ser:

Na dúvida, limpe somente com água para tirar restos de areia, terra e suor;

Deixe secar completamente antes de guardar - não é a toa que na embalagem de equipamentos novos existem aqueles saquinhos para absorver umidade.

Guarde em armários ventilados e se isto não for possível, periodicamente retire os equipamentos e deixe “tomar um ar” quando o clima estiver seco. Equipamentos que não sejam de segurança, podem até tomar um Sol - eu costumo colocar botas e tênis na janela ou na varanda para isso.

Transporte em bolsas, sacos e mochilas, evitando o contato com possíveis produtos (produtos de limpeza ou do próprio

automóvel) que tenham sido transportados no porta-malas ou caçamba, simultaneamente, dessa forma você também vai proteger da abrasão.

Guardar as lanternas sem as pilhas, sempre isolar as pilhas do resto do equipamento. Aquele “meladinho” que vaza das pilhas alcalinas é um veneno principalmente para o alumínio e nylon.

Vamos além: como saber a composição se no manual manda limpar com sabão neutro, evitar produtos alcalinos ou ácidos, ou alguma substância específica?

Todo produto, desde um xampu de neném, pasta de dente, desinfetante, sabão em pó, limpadores, óleo de motor, alvejantes, etc, possuem um documento elaborado pelo fabricante que se chama FISPQ (MSDS em inglês) fácil de achar em uma pesquisa rápida na internet.

FISPQ - FICHA DE SEGURANÇA DE PRODUTO QUÍMICO

Por exemplo, se quero saber a composição Lysoform, basta digitar no buscador “Lysoform FISPQ” e veja os resultados. Normalmente no item 2 ou 3 (mais recentes) tem a composição. No item 9 tem as características físico-químicas: aparência, pH, etc.

Por quê?

Diversos Materiais são usados na fabricação



Um indicativo da exposição a produto químico é a mudança de cor: costura original na cor cinza mudou de cor para rosa sob efeito de agentes químicos.

de equipamentos de Montanhismo: POLÍMEROS (Plásticos); METAIS (Alumínio, Aço carbono, Aço inox, etc); NATURAIS (Algodão, Lã, Couro); COMPÓSITOS (misturas de 2 ou mais materiais).

as fibras. Não só areia destrói uma corda, mas causa um desgaste extra em mosquetões, encurtando sua vida. Lavar sua corda ocasionalmente e usar um saco ou bolsa de corda vai ajudar a mantê-la limpa.



Mosquetão que sofreu desgaste por abrasão e provavelmente exposição a algum produto alcalino que contém soda, potassa, etc, como: água sanitária, alvejantes, cloro, etc.

Cada material tem uma resistência tanto ao uso como a exposição a agentes químicos, como veremos a seguir:

Raios UV - acelera o processo de quebrar os polímeros (nylon, etc) em uma corda, no entanto isso provavelmente nunca será a principal razão para aposentar uma corda, a menos que você a deixe do lado de fora exposta por longos períodos de tempo.

A sujeira e a areia trabalham na bainha e no núcleo de uma corda mastigando lentamente

A abrasão é muitas vezes a principal razão para se aposentar uma corda. Top-ropes mal montados, proteção de borda ruim, ou apenas desgaste geral, todos friccionam lentamente a bainha de uma corda. Uma bainha “peluda” é um bom sinal de que os dias da corda estão contados. Se você pode ver um corte através da bainha para o núcleo (área branca), então você precisa aposentar a corda ou pelo menos cortar essa seção.



Costura provavelmente exposta a ácido ou base forte

Produtos químicos podem degradar a sua corda dentro de dias ou mesmo horas, dependendo do comprimento ou exposição.

Procure por mudanças de cor, ou corrosão, e nunca armazenar perto de produtos químicos domésticos. Um saco de corda vai ajudar muito e dar-lhe paz de espírito quando o material está no Porta-Malas de um automóvel.

Quedas podem também imediatamente arruinar uma corda. Fator de queda pode ser usado para avaliar a gravidade potencial de dano a corda. Calcule o fator de queda tomando o comprimento de queda dividido pelo comprimento da corda para fora. Grandes quedas criam pontos moles no núcleo da corda.

A seguir uma tabela com testes efetuados pela Black Diamond que tomei a liberdade de adaptar para produtos equivalentes encontrados no Brasil:

Nylon e Dynema: 30 minutos de exposição a produtos de consumo disponíveis				
Produto aplicado nas emendas feitas com Nylon	Dynema (Certificado 22kN) (média de Resistência de 3 amostras 26,7kN)		Nylon (Certificado 22kN) (média de Resistência de 3 amostras 28,4kN)	
	Resistência de amostras contaminada (kN)	% Redução na Resistência	Resistência de amostras contaminada (kN)	% Redução na Resistência
Limpa Pedra, com Ácido Muriático (Clorídrico)	15,6	41	2,54	91
Abaixador de pH Aquário, Solução p/ Bateria (Ácido Sulfúrico)	28,8	0	18	35
Vinagre para limpeza (mais concentrado, 6%; normal 4%)	21,4	20	24,6	13
Água Sanitária (Hipoclorito de Sódio)	25,9	3	25,8	9
Limpador de metais (Brasso, Sylvio)	26,4	1	25,9	9
Acetona	22,2	17	26,4	7
Amoníaco (limpador a base de Amônia)	27,5	0	26,6	6
WD-40	25,9	3	27	5
Tira Manchas (Vanish)	26,7	1	27,4	3
Fertilizante	26,3	0	27,8	2
Fertilizante Líquido	27,3	0	28	0
Tira Manchas Líquido	27,4	0	28,8	0

Bouldrier (Cadeirinhas): 24 Horas de imersão	
Produto aplicado	% Redução na Resistência
Limpa Pedra, com Ácido Muriático (Clorídrico)	36
Abaixador de pH Aquário, Solução p/ Bateria (Ácido Sulfúrico)	19

Nylon e Dynema: 72 Horas de exposição a produtos de consumo disponíveis				
Produto aplicado nas emendas feitas com Nylon	Dynema (Certificado 22kN) (média de Resistência de 3 amostras 26,7kN)		Nylon (Certificado 22kN) (média de Resistência de 3 amostras 28,4kN)	
	Resistência de amostras contaminada (kN)	% Redução na Resistência	Resistência de amostras contaminada (kN)	% Redução na Resistência
Limpa Pedra, com Ácido Muriático (Clorídrico)	17,2	36	0,71	97
Abaixador de pH Aquário, Solução p/ Bateria (Ácido Sulfúrico)	21,7	19	2,3	92
Vinagre para limpeza (mais concentrado, 6%; normal 4%)	27	0	27,2	4
Água Sanitária (Hipoclorito de Sódio)	18	33	7,53	73
Limpador de metais (Brasso, Sylvio)	25,9	3	27	5
Acetona	27	0	25,5	10

Cordas de escalada - Se você tratar suas CORDAS negligentemente elas podem acabar precisando de uma aposentadoria antecipada. Ao escalar, coloque uma lona sob a corda para protegê-lo de sujeira e umidade (a maioria dos sacos de corda tem). Também tenha cuidado para não pisar na corda, pois isso pode fazer a sujeira moer as fibras e enfraquecer sua integridade. Depois de cada viagem de escalada, examine a sua corda para quaisquer falhas, descolorações e outras indicações de danos como quebras ou áreas planas. Pendure a corda molhada para secar antes de guardá-la, e não se esqueça de guardá-lo longe da luz solar direta, como em um saco de corda ou uma caixa.

Uma forma de lavar a corda é usar uma bombona (ou tipo uma grande Lixeira de plástico com tampa) cheia de água fria, depois guardar a própria corda neste recipiente com tampa desde que estejam TOTALMENTE SECOS.

Os fatores de queda maiores causam maior perda de vida útil das cordas, inclusive há uma tabela dos fabricantes indicando o máximo de quedas em fator de queda 2 aos quais a vida útil de suas cordas está limitada.

O FATOR DE QUEDA: é o tamanho da queda dividido pelo tamanho da corda utilizada. O mais severo é o fator 2, quando se efetuou somente uma proteção e a queda é duas vezes o tamanho de corda utilizado, impondo maiores cargas ao sistema de segurança, em comparação com fatores de queda menores, onde há proporcionalmente mais corda para absorver a energia da queda.

Escalada no gelo introduz pontas de gelo afiado e dentes do crampon no ambiente de escalada. Obviamente, espetar sua corda em um destes pontos afiados exigirá a retirada imediata da corda (embora se o acidente ocorreu perto da extremidade da corda, você pode cortar a seção danificada fora).

Mosquetões - Se a lingueta de mosquetão estiver agarrando, verifique se ele está "melado". Se você não pode encontrar nenhum problema e ainda emperrar, provavelmente é hora de parar de escalar com ele. Faça alguma marca para que você saiba que está fora de uso, e use-o para qualquer trabalho ao redor da casa ou garagem que não requeira segurança.

Dispositivos de Cames (Friends) - Alguns alpinistas usam lubrificantes em seus cames,

outros não. Se você fizer isso, certifique-se de que é um óleo "seco", como o de uso de ciclista em corrente de bicicletas. Não use desengripante - ele vai atrair muita sujeira. Se um came está agarrando, você pode também tentar mergulhar a cabeça em uma bacia da água quente com detergente neutro. Acione o came algumas vezes enquanto estiver imerso, retire-o da água, enxágue e seque.

Cadeirinhas (baudrier) - Como Cadeirinhas são feitas com tecidos, é importante seguir as recomendações dos fabricantes quanto a vida útil, geralmente cinco anos ou talvez até mais cedo, dependendo do uso. Enxaguá-lo com água se uma subida o deixou sujo, e se não ficou totalmente limpo, você também pode tentar usar uma combinação de água morna e detergente neutro. Deixe a cadeirinha secar e guarde longe da luz solar direta, e certifique-se que não é mantido perto de quaisquer produtos químicos.

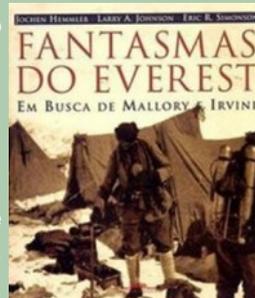
Fitas - podem não ser as peças de equipamento mais emocionantes ou caras, mas é tão importante cuidar delas e verificar danos. Enxágue toda a sujeira ou areia com água morna e detergente suave. Não armazenar molhada, e mantê-las armazenadas longe da luz solar direta.

Sapatilhas, tênis e botas - antes de começar a escalar, certifique-se de que as solas dos seus calçados estejam limpas. Qualquer grão nos calçados vai cavar na borracha enquanto você subir e causará desgaste muito mais rápido. Limpe-os novamente quando terminar de escalar. Se eles começarem a ficar realmente nojentos, a maioria pode ser lavada na máquina de lavar. Basta deixá-los pendurados para secar em vez de usar uma secadora. Para evitar que os calçados sejam esmagados e dobrados e fiquem deformados, evite armazená-los no fundo de sua mochila ou na parte inferior de sua pilha de equipamentos.

Crash pads - Se possível, armazene o Crash Pad aberto, isso evita que a espuma se comprima nas dobras.

Sugestões de leitura e filmes

Fantasma do Everest: Em busca de Mallory e Irvine - O livro traz a história da terceira tentativa de alcançar o cume do Everest, em 1924,



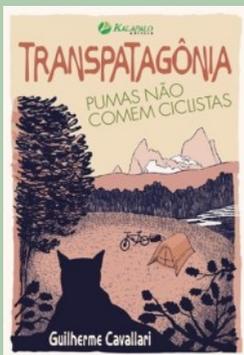
da expedição montada para procurar os corpos de George Leigh Mallory e Andrew Comyn Irvine. O autor conduz as duas tramas, as expedições de 1924 e 1999, de maneira muito agradável e atraente para o leitor. A transição do passado para o futuro, e vice-versa, é constante e revela os contrastes gritantes entre os recursos disponíveis para os escaladores antigos e os atuais. A expedição avançou muito nas dúvidas sobre a saga sem volta de Mallory e Irvine, mas não respondeu a maior pergunta. Graham Hoyland, produtor da BBC e integrante da expedição, sonhava recuperar a câmera fotográfica que seu tio, Howard Somervell, emprestara a Mallory para a tentativa de chegar ao cume do Everest. A tradicional foto no pico da montanha comprovaria o sucesso da dupla, mas a máquina não foi localizada com o corpo de Mallory - nem nas imediações. Mas nos bolsos do escalador, um professor descrito como "extremamente bonito", também não foi encontrada a foto de Ruth, sua esposa. Mallory prometera a ela depositar a foto no cume.

Sugestões de leitura e filmes

Transpatagônia –

Pumas não comem ciclistas é a narrativa de uma longa travessia feita de bicicleta durante 180 dias, em que o autor percorreu 6000km, por uma das últimas regiões do planeta a serem habitadas pelo homem. Guilherme Cavallari pedalou sozinho por toda a extensão da Patagônia e da Terra do Fogo, no Chile e na Argentina, cruzando a fronteira entre os dois países 16 vezes. Ao longo do percurso, a obra mescla traços autobiográficos, considerações sobre a vida e extensa pesquisa histórica e literária. O livro apresenta ainda 10 mapas detalhados de pontos do percurso e 28 fotos coloridas, além de tabelas minuciosas com o cronograma da viagem, lista completa de todo o equipamento utilizado, bibliografia e filmografia de referência.

A expedição de Cavallari também virou filme. O documentário TRANSPATAGÔNIA, de Cauê Steinberg, de 60 minutos de duração montado a partir das gravações feitas em campo durante a viagem. O filme foi vencedor do Prêmio do Público no Rio Mountain Festival 2014. O filme está disponível para assistir no NETFLIX, no CANAL BRASIL/NET/NOW, no GOOGLE PLAY e no I-TUNES.



Inspeção seu equipamento mesmo ao final de um dia cansativo de escalada em que você só quer embalar rapidamente o seu equipamento e voltar para o carro, mas enquanto você está enrolando sua corda, dá tempo para verificar se houve desgastes. Ao preparar a corda no início de uma subida verifique novamente desgastes, mofo ou descolorações. Da mesma forma, à medida que você organiza o seu rack, verifique suas fitas, cadeirinhas (baudrier) e proteções de escalada para danos óbvios.

Transporte e armazenamento - Um erro fácil de fazer é lançar o seu equipamento solto no porta-malas de seu carro ou na traseira da pick-up. Há também cabos “chupeta” lá? E se houver resíduos de ácido da bateria nos grampos que irão encostar em uma fita? E quem sabe o que outros óleos e produtos químicos podem ter sido derramado lá atrás. Ao transportar o seu equipamento, mantê-lo armazenado com segurança em uma mochila, saco ou caixa.

Não recomendo deixar seu tênis ou bota esquecido dentro do armário, ainda mais no clima de Petrópolis. A umidade pode causar a decomposição de solas ou colas de sola. Podem também propiciar o desenvolvimento de mofo ou outros “bichos” que produzem substâncias que degradam o couro, cola, entressola, etc.

Lembre-se de verificar se há sinais de que você DEVA APOSENTAR SEU EQUIPAMENTO. Como regra geral, o prazo de cinco anos seria um limite de uso para grande parte do material de escalada. As recomendações dos fabricantes devem ser consultadas para confirmar se seu material deve ser aposentado com este prazo.

Fontes:

Parte do texto foi adaptado de publicação em inglês da Black Diamond e da EMS (Eastern Mountain Shop). Também agradeço a colaboração de Cepenses com revisões e sugestão de textos.

<http://www.ems.com/ea-caring-for-your-climbing-gear.html>

<https://tinyurl.com/julsu8Z>

Relato

TREKKING NA CORDILHEIRA HUAYHUASH

Por Letícia Fliess



Depois de 3 dias fazendo as caminhadas de aclimação, que foram relatados no Boletim de Janeiro/Fevereiro de 2017, saímos cedo do conforto da cama do hotel para partir em direção a Cordilheira Huayhuash.

Nesta cordilheira se localizam algumas das montanhas mais altas do Peru, com paisagens deslumbrantes que a todo o instante tiram o fôlego e nos lembram da nossa pequenez. Em 10 dias percorremos uma trilha ladeada por rios de águas cristalinas, lagunas de diversas tonalidades de azul e verde e de vegetação adaptada às condições adversas das altas montanhas, como as quenuales, uma das poucas espécies de árvores encontradas acima dos 3.000 msnm.

Quando o zigzague sem fim da estrada terminou, finalmente chegamos a Cuartelhuain (4165m), debaixo de sol forte. O nosso guia nos apresentou aos arrieiros Beto e Elmer, que já esperavam pela gente. Apresentações feitas, eles imediatamente começaram a pegar nossos equipamentos, embalar e carregar as mulas. Do

nosso lado, começamos também a preparar a mochila para começar a caminhada.

Começamos a caminhar por volta das 11h15, o primeiro dia a caminhada foi bastante desgastante e a todo o momento podíamos ver o grande desnível a ser enfrentado. O tempo todo duvidava da minha capacidade física para concluir dos 10 dias do circuito. Uma hora depois de iniciada a caminhada comecei a sentir muita dor nos tendões de aquiles. Os pensamentos rodavam numa velocidade incrível na minha mente, depois de algum tempo não sabia o que estava me cansando mais, o esforço físico ou o mental para manter a concentração. Não podia de forma alguma me exceder e correr o risco de logo no primeiro dia se atacada pela bronquite.

Não era minha primeira vez em um trekking acima de 4.000 msnm, em 2013 fiz um trekking de 5 dias na região do Condoriri na Bolívia, mas o terreno era bem mais suave do que o que estava começando a enfrentar em Huayhuash. Apesar de toda a dificuldade estava me sentindo contente, pois parei muito pouco

para retomar o fôlego.

Por volta das 14h, finalmente chegamos ao Paso Cacanapunta (4680m), onde aproveitamos para descansar um pouco e fazer um lanche. Pouco depois chegou um casal de gringos, bem lentos, mas fazendo a trilha de forma autossuficiente. Após o passo, a descida de quase 400m verticais terminou ao lado de uma cruz, colocada ali em homenagem ao polonês Radoslaw Koscinski, que morreu na região em 1998 explorando as nascentes do Rio Amazonas/Marañon.

Seguimos por um longo trecho plano até chegarmos numa "esquina" onde existe uma placa ressaltando as belezas do lugar. Esse momento foi o mais impactante para mim, dar de cara com aquelas montanhas gigantes cobertas de neve me emocionou, não resisti e as lágrimas começaram a correr fartas pelo meu rosto. Apressei o passo para ninguém ver que estava chorando e passei por todos rapidamente.

À medida que me aproximava do acampamento uma alegria invadiu meu peito e me senti muito feliz por estar ter conseguido terminar o primeiro



Infelizmente, as montanhas estavam completamente encobertas pelas nuvens.

Depois dessa pausa seguimos até o nosso acampamento, a chuva ainda tentou emplacar novamente, mas para nossa sorte, durou pouco tempo. O sol apareceu devagar, e conforme a tarde avançava, as montanhas iam ficando cada vez mais limpas. No final do dia, todos os nevados apareceram: Jirishanca Chico (5.446m), Jirishanca (6.126m), Yerupajá Chico (6.089m), Yerupajá (a segunda maior montanha do Peru, com 6634m) e Siulá (6.344m).

O terceiro dia começou cedo, pois tinha a promessa de ser o mais exigente de todos e não podíamos contar com o cavalo de resgate, pois a trilha é bem acidentada e os cavalos e as mulas passam por outro local, mais seguro para eles.

A subida é bem suave a princípio, e logo chegamos a uma área plana, onde houve um grande deslizamento de pedras, que acabou por represar o rio e formar mais uma laguna. Seguimos pela margem direita dessa laguna, passando por grandes blocos de pedra até pararmos para descansar, próximos de uma ponte. Ali, com acesso através de uma rápida mas puxada trilha, existe um bonito mirador de frente para uma das lagunas esverdeadas e para o gigante Siula! Subimos, tiramos algumas fotos e voltamos rapidamente.

Cruzamos a ponte e aos poucos, começamos a primeira parte da subida até o passo. A trilha aos poucos vai ficando mais estreita e bastante íngreme e por conta disso paramos bastante para recobrar o fôlego. O prêmio dessa subida é chegar ao mirador das três lagunas (Siulacocha, Quesillococha e Garangacocha), talvez o cartão postal de Huayhuash e certamente o ponto mais fotografado de todo o circuito. Paramos para descansar, lanchar, tirar fotos e curtir o lugar.

Depois desse descanso, seguimos em frente até o Paso Siula (4.820m). Neste dia estava me sentindo muito bem e confiante, achei o ritmo da passada e segui firme, bem feliz afinal de contas estava quase atingindo os 5.000m acima do nível do mar!!! Após

dia e dar de cara com aquela vista impressionantemente linda.

O segundo dia começou com chuva. Como seria praxe em todos os dias, as 6h30 o Hilário nos trouxe um té madrugador e uma tigela com água morna, para lavar as mãos e o rosto. Daqui até a última manhã no circuito, a rotina seria essa: deixar a mochila arrumada e pronta do lado de fora da barraca, para que os arrieiros preparassem tudo enquanto tomávamos café da manhã.

Enquanto estávamos no café, a chuva não parou. Como não podíamos ficar parados, as 7h40 saímos para caminhar com chuva, que logo se transformou em neve. Estava me divertindo,

nunca tinha visto neve cair e conforme avançávamos pela trilha tudo em volta começou a ficar branquinho. A neve se transformou em granizo, com bolinhas bem pequenas, mas que incomodavam a ponto de ter que colocar um chapéu. Nada me tirou o bom humor, não estava mais sentindo as dores nos tendões e neste dia a subida até o passo Punta Carhuac (4620m) é menos exigente que a do dia anterior.

Começamos a descer e a chuva foi diminuindo até parar por completo, pouco antes de chegarmos a um bonito "mirador", já as margens da Laguna Carhuacocha (4280m). Paramos para tirar os anoraks e comer alguma coisa.



contornarmos um riacho e cruzarmos um vale mais plano, começamos a subida final, com muitas pedras soltas. Depois de muito zigzague, as 12h45 finalmente chegamos ao passo, onde paramos para descansar e comer.

Retomamos a caminhada e a descida até o acampamento parecia não ter fim. Neste dia caminhamos por 9h e chegamos ao acampamento Huayhuash (4360m) as 15h50. Todos os dias íamos dormir por volta das 20h, o que nos levava a ficar mais ou menos umas 10h dentro da barraca. Isto para mim era um teste de paciência, não durmo mais de 6h por dia e o tempo em que ficava na barraca a espera do dia seguinte me desgastou muito.

Na madrugada do quarto dia o Fábio estava com o nariz muito congestionado, acordou dizendo que ia dar uma volta para respirar melhor, quando abriu um palmo da porta da barraca vi que tinha caído muito neve durante a noite. Devia ter pelo menos uns

10cm de neve. Tudo estava completamente branco e com a camada de neve por cima da barraca ficamos como que dentro de um iglu, estava bem quentinho para dormir.

Este seria o dia mais leve de toda a caminhada, se eu não tivesse passado muito mal, enjoo terrível e complicações gastrointestinais. Depois de encarmos uma pequena, mas sofrida subida, passamos por um portão (sem ninguém para cobrar o pedágio) e começamos a descida em forte zigzague. Ao chegarmos ao amplo vale podemos ver uma bonita cachoeira formada pelo rio que desce a partir da represa. Assim que começamos a caminhar pelo vale, duas crianças vieram ao nosso encontro pedindo "caramelos".

Sofri para chegar até o acampamento. Quando finalmente entrei na barraca, desabei, acho até que desmaiei, não tinha forças nem para tirar as botas. Estava com febre. Dormi até a hora do jantar e perdi o banho nas piscinas de águas

termais deste acampamento. Ao lado das piscinas, existe uma pequena venda, onde o Fábio comprou uma coca-cola que tomamos com gosto na hora do jantar.

O quinto dia foi o mais gelado do trekking, as luvas corta-vento não foram suficientes, as pontas dos dedos estavam doendo demais e tive que usar o par para temperatura -17°C . Quando saímos da sombra a temperatura aumentou, mas debilitada pela febre tive que usar o cavalo de emergência, o "Colorado", para não atrasar o grupo. Detesto andar a cavalo! Tive que revezar com a Natália que também não estava se sentindo bem e depois de 3h10 finalmente chegamos ao Paso Cuyoc (5020m) que é o passo mais alto do circuito. Fiquei frustrada por não ter feito esse paso com as próprias pernas... Eu e o Fábio descemos o paso caminhando bem devagar, parando a todo o momento para fotografar o vale e as montanhas ao fundo. Aos poucos a descida foi ficando menos inclinada e logo depois já caminávamos no





plano, até o acampamento de Guanacpatay (4310m), que ao meu ver é o mais bonito de todo o circuito. Depois de arrumar tudo dentro da barraca e lavar os pés no rio gelado, fomos lanchar pastéis de queijo. Uma delícia!

O sexto dia é o único que não tem um passo, ao contrário descemos muito e pela primeira e única vez, ficaríamos abaixo dos 4000m de altitude. As 7h45 saímos para caminhar e já estava me sentindo mal! Como para descer o esforço cardio-respiratório é muito menor fui levando a caminhada e cerca de 1 hora depois chegamos a um mirador para o vale que nos levaria até Huayllapa. Ao final dessa longa descida, passamos a caminhar às margens de um rio muito bonito, parecia cenário de

contos de fada, a água correndo velozmente de cor meio azulada, com as margens repletas de flores.

As 11h15 chegamos ao portão do vilarejo onde pagamos 40 soles por cabeça para entrar. Nesse ponto há uma bifurcação: seguindo em frente, chega-se ao vilarejo de Huayllapa e pegando a direita, começa a forte subida até o acampamento. Nesse ponto, nosso grupo se dividiu: o guia Vladimir e o Hilário desceriam até Huayllapa para comprar mantimentos e alguns remédios, pois o Giovanni estava muito desgastado por complicações gastro-intestinais, o Fábio e o Jeff desceram com o guia até a entrada do vilarejo, local em que tinha uma venda e que

compraram coca-cola e inka-kola. A Natália, o Giovanni e eu seguimos em direção ao acampamento, e peguei uma carona no Colorado, subindo lentamente e parando muitas vezes, morrendo de medo do cavalo! Claro que em determinado momento o bicho se assustou com alguma coisa e se meteu no meio do mato comigo agarrada na sela. Com muita dificuldade chamei um arriero que ia passando e ele me tirou daquela situação ridícula. Segui caminhando e puxando o cavalo até que tomei coragem e subi na sela novamente. Depois de um tempo o cavalo empacou e eu joguei a toalha, fiquei sentada esperando o restante do grupo. Quando o Hilário chegou até mim, o cavalo começou a andar





imediatamente. O Fábio e o Jeff chegaram com uma coca-cola que eu tomei muito satisfeita! Eu não sabia, mas o acampamento estava a poucos metros e depois de uma curva, chegamos. Nesta tarde, comemos pipoca e tomamos chá enquanto ficamos de papo. Tiramos muitas fotos do entardecer, mesmo com frio que fazia.

No sétimo dia decidi que não tentaria o cume do Diablo Mudo, pois estava me sentindo muito cansada e tive a certeza de que iria atrapalhar o restante do grupo. Acordamos muito cedo, pois o acampamento era muito pequeno e o guia queria garantir um bom lugar pra gente.

Durante a caminhada percebi que estava com muita secreção nos pulmões, tossia a toda hora e pela primeira vez comecei a sentir falta de ar. Comecei a andar muito devagar e logo fiquei longe do grupo. Quando cheguei ao paso Punta Tapush (4780m) estava tão exausta que mal conseguia falar. Fiquei bem desanimada e comecei a chorar, o que piorou muito minha condição respiratória. Logo começamos a descer e comecei a me sentir melhor, praticamente esqueci a falta de ar e só queria fotografar tudo que via pela frente.

No final do dia, uma enorme lua cheia apareceu por trás das montanhas. Fomos chamados para o jantar por volta das 19h, depois ficamos de papo e por volta das 20h30 voltamos para as barracas para tentar descansar. Caminhamos cerca de 10km nesse dia.

O dia mais curto do circuito foi o oitavo e por isso pudemos acordar bem mais tarde! Nos preparamos com calma e por

volta das 8h05, depois do café da manhã, começamos a nossa caminhada para o "paso do dia".

Apesar de todo o cansaço acumulado, segui firme neste dia e estava determinada a subir o passo sem precisar pedir socorro para o Colorado. Passo a passo fui subindo sempre com o Fábio me animando e dando força para continuar. Depois de um trecho de subida mais sofrida, chegamos a uma parte plana onde fica a base do paso Punta Yaucha (4838m) que é usado por aqueles que não vão subir o Diablo Mudo, e intercepta mais abaixo a trilha que leva a laguna Jahuacocha. Chegamos nesse local depois de 1h40 de caminhada.

O trecho até o paso era bastante inclinado, com muitas pedras soltas e na maior parte do tempo, tínhamos que subir colocando os pés "de lado" para não escorregar e usando muito os bastões para não perder o equilíbrio.

As 11h30 finalmente chegamos



ao paso Punta Escalón (5038m), o mais alto de todo o nosso circuito. Comemorei bastante por ter conseguido chegar mais uma vez acima dos 5.000m! O visual deste paso é deslumbrante. No fundo do vale, pudemos ver o nosso próximo acampamento, o que é sempre um alento para seguir em frente.

Depois de uma rápida descida e cruzar um riacho, finalmente chegamos ao acampamento Alto Huacrish (4.870m), nosso acampamento mais alto. Rapidamente arrumamos nossos equipamentos nas barracas e ficamos descansando, aproveitando o sol. Depois de um lanche no meio da tarde, aqueles que iriam subir o Diablo Mudo, o Fábio, o Jeff e o Giovani-, foram experimentar os crampons, o que rendeu boas risadas com as palhaçadas na hora de escolher os equipos.

Durante a madrugada do nono dia acordei com o Fábio se despedindo e partindo para o Diablo Mudo. Rapidamente chequei os equipamentos dele para conseguir seguir minha caminhada com mais tranquilidade, já que nesse dia iria descer para o próximo acampamento sem minha cara metade.

Acordei sem pressa e tomei café da manhã com a Natália e logo depois partimos, sendo guiadas pelo Hilário. Descemos pela Quebrada Huacrish conversando animadamente e parando a todo momento para tirar fotos.

Quando a descida terminou, caminhamos um pequeno trecho no vale, cruzamos uma ponte e finalmente chegamos ao



acampamento Incahuain ou Jahuacocha (4072 m), compramos meia dúzia de coca-colas para o último jantar do trekking e ficamos esperando os rapazes chegarem do Diablo Mudo. Já estava começando a ficar meio tensa com a espera quando avistei o Fábio vindo com um sorriso estampado no rosto, sinal de que tinha conseguido chegar ao cume!

Por volta das 18h30, fomos chamados para o jantar, em que tivemos truta pescada na laguna e Coca Cola, mas sem sobremesa! Depois de jantarmos, chamamos toda a equipe, agradecemos pela atenção que tiveram conosco e entregamos um envelope com a gorjeta a ser dividida entre eles. Ficamos mais

um tempo conversando amenidades e voltamos para as nossas barracas, para nossa última noite.

Finalmente havia chegado o último dia do trekking! Às 7h30 colocamos as mochilas nas costas, nos despedimos do acampamento e começamos a caminhar. Durante o café da manhã, o guia Vladimir nos deu duas opções para a caminhada, uma por dentro do vale, em que não passaríamos pelo último passo do Circuito e outro, pelas encostas as montanhas com direito ao Paso Pampa Llamac. Claro que optamos por fazer o passo!

A primeira parte da caminhada foi dentro do vale com bastante

sombra e frio, e o visual mais bonito era olhar para trás e ver a mudança da coloração nos nevados da Laguna Jahuacocha conforme o sol ia subindo. Passamos por alguns bonitos bosques com quenuales e as 10h30 finalmente chegamos ao paso Pampa Llamac (4270m). Paramos para um lanche e algumas fotos, mas não nos demoramos, pois o tempo estava fechando.

Quanto mais acelerava na descida, mais parecia que aquilo não ia ter fim! O caminho era muito íngreme e cheio de poeira. Depois de muitos ziguezagues, em uma das curvas conseguimos avistar o vilarejo. Agora faltava pouco! Animados com a proximidade do final da caminhada, aceleramos mais ainda o passo.

Depois de percorrer 120km chegamos ao fim do Circuito Huayhuash! Fui tomada por uma alegria e imensa satisfação de ter percorrido e vislumbrado as imensas montanhas do Peru, local de histórias épicas de sobrevivência, com paisagens belíssimas e dignas dos mais belos sonhos. Todo o esforço que fiz, me dedicando na preparação para esta caminhada e durante o percurso, foi recompensado pela sensação de que tudo que eu realmente quisera vou conseguir realizar.

Sempre em frente!



Astronomia

A LUA E OS FERIADOS

Por Paulo Victor

Existem dois tipos de feriados: os fixos (21 de abril, 1º de maio, 7 de setembro, etc) e os móveis (Carnaval, Semana Santa, Corpus Christi), que são mais longos e excursões “audaciosas” são realizadas.

Os feriados longos e móveis, que possuem origem religiosa, são determinados a partir da primeira Lua Cheia após o Equinócio de Outono, que neste ano ocorrerá no dia 20 de março, quando o Sol cruza a linha do Equador encerrando o verão.

A primeira Lua Cheia após o equinócio será em 11 de abril de 2017, assim o dia 16 de abril de 2017 será o domingo de Páscoa.

Com a data da Páscoa fixada, basta subtrair 47 dias para termos a terça-feira de Carnaval, que neste ano de 2017 foi em 28 de fevereiro.

Para calcular a quinta-feira de Corpus Christi, soma-se 60 dias ao Domingo de Páscoa (15 de junho de 2017).

Em março ocorre o Equinócio de Outono, as noites começam a ficar maiores do que os dias, a incidência de chuvas diminui e as temperaturas ficam mais amenas, proporcionando condições mais favoráveis para que possamos ir caminhar, acampar, escalar...

No céu Vênus que brilhou durante os últimos meses após o pôr do Sol, dará lugar a Júpiter que a cada dia estará nascendo mais cedo (na direção W – oeste) e no dia 07 de abril alcançará seu maior brilho.

No início de março teremos a presença do Sol entre 05:49h e 18:49h, com 12 horas e 30 minutos de insolação. Em 20 de março ocorre

o equinócio de outono. A palavra Equinox, do latim, que significa dia igual a noite. Sol entre 05:57h e 18:00h, com 12 horas e 3 minutos de insolação. E no final de abril o Sol estará presente das 06:10h as 17:28h, com 11 horas e 18 minutos de insolação.

Lembrando que o menor dia na região de Petrópolis – RJ tem a duração de 10 horas e 45 minutos que marca o início do inverno e que o dia de maior duração, 13 horas e 32 minutos, marca o início do verão.

Alguns simples eventos astronômicos para serem observados a olho nu nos meses de Março e Abril:

01/03 – Melhor dia para observar após o ocaso a luz cinérea na Lua, quando maior parte da superfície lunar é iluminada pela luz refletida na superfície terrestre;

05/03 – Lua Quarto Crescente;

12/03 – Lua Cheia;

14/03 – Lua próxima de Júpiter;

20/03 – Lua Quarto Minguante;

20/03 – Equinócio de outono no hemisfério sul às 07h30;

24/03 – Melhor dia para observar a luz cinérea na Lua, antes do alvorecer;

27/03 – Lua Nova;

30/03 – Melhor dia para observar a luz cinérea na Lua, após o ocaso às 18h14min.

03/04 – Lua Quarto Crescente;

07/04 – Júpiter em máximo brilho;

11/04 – Lua Cheia;

19/04 – Lua Quarto Minguante;

22/04 – Melhor dia para observar a luz cinérea na Lua, antes do alvorecer;

26/04 – Lua Nova;

29/04 – Melhor dia para observar a luz cinérea na Lua, após o ocaso.

Fonte : <http://futuroastronomia.com.br/anuarios/efemerides-2017/>

Programação

Dia	Evento	Local	Responsável
04/3	Travessia Covanca-Pedra Roxa		Adriano Fiorini e Luiz Claudio Antunes
04/3	Palestra—Fotografia de Montanha	Sede do CEP às 19h	Waldyr Neto
05/3	Exploração—denominação desconhecida (entre Mamute e Jaguatirica) - 1876 mts (lat.: -22.45179; long.: -43.05612)		Adriano Fiorini e Luiz Claudio Antunes
11/3	Contorno—Escaladas Diversas		Jeferson Costa
11/3	Palmares—Araras—Caminhada Leve		Fred Fadini
11/3	Oficina Técnica/Palestra—Ancoragens	Sede do CEP às 19h	Marcel Leoni
12/3	Pedra do Retiro		Paulo Victor
12/3	Invasão ao Morro de São João—Rio de Janeiro Escaladas Diversas		André Ilha
14/3	Minicurso Fotografia—Aula teórica	Sede do CEP às 19h	Waldyr Neto
17/3	Palestra/Apresentação de fotos—Travessia Lapinha X Tabuleiro	Sede do CEP às 19:30h	Marcelo Garcia
18/3	Serra da Mira—Bom Jardim de Minas Caminhada Semipesada		Marcelo Garcia
19/3	Minicurso—Animais Peçonhentos	Instituto Samambaia às 9h	Rodrigo Milanese Cruz Vermelha
21/3	Minicurso Fotografia—Aula teórica	Sede do CEP às 19h	Waldyr Neto
25/3 e 26/3	Minicurso Fotografia—Acampamento e prática no Parnaso-Teresópolis Trilha 360° e Cartão Postal p/entardecer e amanhecer		Waldyr Neto
01/4	Corcovado de Friburgo		Adriano Fiorini e Luiz Claudio Antunes
01/4	Documentário—CineCep:La Quête d'inspiration	Sede do CEP às 19h	
02/4	Mãe D'água—Semipesada		Lourenço Frões
02/4	Morro da Formiga—Escaladas Diversas		Adriano Fiorini, Luiz Claudio Antunes e Átila Garrido
08/4	Congonhas		Adriano Fiorini, Luiz Claudio Antunes
08/4	CineCep—Tocando o vazio (2003)	Sede do CEP às 19h	
09/4	Fissura CEP—Cabeça de Cachorro Escalada—3° V		Adriano Fiorini, Luiz Claudio Antunes e Átila Garrido
14/4	Palestra/Apresentação de fotos—Travessia da Serra de São José (Tiradentes)	Sede do CEP às 19:30h	Marcelo Garcia
15/4	Pedra da Cruz—Parnaso		Fred
16/4	Travessia Uricanal		Paulo Victor
22/4	Seio de Vênus—Caminhada Leve		Raul Hermann
29/4 a 01/5	Pico do Gigante (Itatiaia) e Poços do Céu e Dinossauro		Adriano Fiorini e Luiz Claudio Antunes